

O BALANÇO DA VIDA NO BALANÇO DO MAR: MULHERES MARISQUEIRAS DE SALINAS DA MARGARIDA (1960-2000)

Rosana Costa Gomes

Mestre em História Regional pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: zanacgomes@hotmail.com

Palavras-chave: Mulher. Cultura. Trabalho. Ambiente.

Salinas da Margarida é abastecida de recursos naturais, os quais são em grande escala provenientes do mar, o que propicia há bastante tempo um meio estável de sobrevivência à população carente. Nesta localidade, muitas são as mulheres que assumem o papel de desempenharem com sucesso a liderança de um tipo de mariscagem, que é catar uma espécie de molusco conhecido na região como chumbinho. Essas mulheres têm uma participação ativa e efetiva na renda familiar, provocando um maior envolvimento na comunidade no aspecto do desenvolvimento econômico, cultural e social. Na mariscagem do chumbinho, muitas são as crianças que juntas com suas mães, há muito tempo, fazem esse trabalho verificando-se, aí, a contribuição frequente do trabalho infantil, e da tradição que é passada às gerações.

Os espaços de trabalho eram locais de sociabilidade e solidariedade. Em geral, quando as marisqueiras chegavam à praia, lá encontravam outros grupos de trabalhadoras da maré já em plena atividade, iniciava-se, então, um convívio quase sempre marcado por relativa descontração. Elas conversavam sobre os acontecimentos do dia-a-dia, contavam anedotas e cantavam. Com o intuito de tornar o trabalho mais leve, o que fazia o tempo passar mais rápido e o trabalho se tornar até divertido. Contudo, em alguns momentos ocorriam conflitos gerados, por exemplo, quando alguma marisqueira pegava o produto da outra ou quando problemas familiares eram discutidos com os próprios parentes ou colegas no local de trabalho. Cleide (SILVA, 2002, Entrevista) fez referência a esse assunto:

Difícilmente tem atrito, difícilmente. Só tem atrito assim... Se uma pegar o marisco da outra ou então quando tem problemas fora... Problemas de família, problemas pessoais mesmo, ai que misturam tudo na hora que chega na maré, começa a briga. Mas sem ser isso, não tem atrito nenhum, é legal até às vezes tem muita gente que brinca mesmo pra descontrair passar o tempo (SILVA, 2002, Entrevista).

Algumas marisqueiras quando abordadas sobre possíveis desavenças ocorridas nos espaços das mariscagens, mostraram-se relutantes em falar sobre o assunto. Cleide (SILVA, 2002, Entrevista), com ponderação, deu mostras de como elas reagiam nesses espaços de socialização quando pressionadas por algum problema. As brigas surgiam para se defenderem, reivindicarem seus direitos, enfim expressarem suas idéias. Apesar de ocorrerem os desentendimentos, a relutância de muitas em não querer explicitá-los pode ser interpretado como uma vontade delas não quererem colocá-los como uma característica marcante nos contatos durante as mariscagens. Buscavam com isso evitar que se tenha uma visão negativa desse convívio. É possível observar indícios da ética profissional que permeiam essas ações. Cuidam com isso para que não haja visões que de alguma forma transgridam os espaços “sagrados” de onde elas tiram seus sustentos.

No cotidiano das mariscagens, era comum o uso de um produto que servisse como repelente para os insetos. Elas levavam uma mistura de querosene e óleo que passavam em seus corpos, para afastá-los. Era comum acontecer de alguma marisqueira ter esquecido de levar esta mistura, mas logo, uma companheira ali presente manifestava com amizade o interesse de suprir a sua necessidade, emprestando-lhe o produto para que a mesma conseguisse trabalhar com mais conforto.

Esse tipo de relacionamento é um dos sustentáculos de uma união que caracteriza o cotidiano dessas pessoas. A solidariedade nesse meio social é uma marca que o capitalismo não destruiu com a sua força feroz, de ditar o preço de tudo. O sentimento solidário é demonstrado de várias maneiras nas experiências diárias das pessoas comuns. Dona Reinalda (SILVA, 2003, Entrevista) trouxe um exemplo:

Se eu fizer uma coisa em minha casa um pouquinho a mais, nunca na vida acho que isso tudo tem que ficar só pra dentro de casa. Eu tenho que procurar um vizinho, uma pessoa assim eu tenho que dividir, eu tenho que repartir qualquer coisa com essa pessoa, com pessoa qualquer daqui da rua. Entendeu? Se alguém chegar em minha casa e dizer: Oh Dona Reinalda, a senhora tem isso? Por mais que eu queira assim dizer não, mas eu não digo (SILVA, 2003, Entrevista).

Do ponto de vista humano, é importante que haja este espírito de doação em qualquer segmento social, já que a vida, por mais independente que seja jamais se encontrará dissociada de uma comunidade. Assim, “a solidariedade tem sido também um traço muito forte entre os membros das comunidades de pescadores” (MALDONADO, 1986, p. 61). Ao que tudo indica este sentimento era vivenciado cotidianamente pelas marisqueiras de Salinas

da Margarida. O exemplo citado por Dona Reinalda (SILVA, 2003, Entrevista) é uma indicação vigorosa.

Deve também ser destacado outra manifestação de solidariedade, é o fato dessas mulheres terem em suas casas guardadas, em demasia, as conchas dos chumbinhos, que em montes estavam presentes em várias partes: no quintal, na frente, no lado da casa. Em muitas ocasiões elas cediam significativas quantidades a vizinhos e pessoas que elas tinham afinidades. As conchas eram usadas no artesanato e na construção de casas, substituindo a brita. Entre tantas utilidades, as conchas serviam também para a recreação das crianças, o lazer e o trabalho infantil parecem que se encontravam irremediavelmente unidos ao marisco.

Muitas esclareceram que doavam significativas quantidades das conchas, mas quando chegava alguém para comprar, elas também vendiam aproveitando mais uma forma de ganho através do marisco. Às vezes conseguiam trocar determinadas quantidades de conchas por material de construção, telha, cimento, areia e outros produtos com comerciantes locais. A quantidade necessária para as referidas trocas dependia das negociações estabelecidas entre as marisqueiras e o comprador no momento da troca das mercadorias.

Outra forma de burlar a crise econômica e deixar acesos os laços de amizade era a utilização culinária com os mariscos. Rose apresentou mais uma mostra de ajuda mútua presente na relação das marisqueiras. Em um dos encontros durante as entrevistas, para reafirmar o valor nutricional do marisco e demonstrar seus dons culinários, ela explicou como criou uma gostosa sopa de chumbinho. Ao mesmo tempo em que falava da sopa ela serviu uns saborosos bolinhos feitos desse marisco. Eis a receita da sopa:

Eu peguei o chumbinho escaldei como tem que escaldar. Então, eu escaldei o marisco escorri e fiz um tempero de sopa com cebola, pimentão, tomate, hortelã, vinagre. Cortei umas verduras. Cortei beterraba, cenoura, batatinha, fatiei um repolhozinho e depois refoguei. Botei uma cebolinha pra fritar. Despejei o marisco já temperado, envolvido nesse tempero e deixei refogar, quando vi que ele tava cozido eu coloquei um pouco de água e coloquei as verduras. Depois eu coloquei um cubinho de Knor, uma pitadinha de orégano, botei massa e tomei e achei muito gostosa (CAETANO, 2003, Entrevista).

Rose concluiu a receita da sopa com risos, e afirmou ter ensinado a receita a uma amiga que passava por grandes dificuldades financeiras que não tinha como sustentar os filhos. Após ficar sabendo da receita, a amiga passou a prepará-la em todas as refeições diárias para ela e para seus filhos, pois o seu custo era mais barato do que a aquisição de outros alimentos.

Esse território de solidariedade e sociabilidade, contava também com a presença das crianças regularmente. Vários foram os motivos que as fizeram acompanhar suas mães. Vejamos no depoimento da marisqueira Cleide (SILVA, 2002, Entrevista) um desses motivos:

Minha mãe não tinha uma boa condição, uma condição melhorzinha pra poder manter a gente sem mariscar. A gente fazia de tudo, mas meu pai tava desempregado. Esse período foi que meu pai tava seis anos desempregado, sem fazer nada. Aí tinha que ir todo dia pra maré. Aí a gente ia pra ajudar. Minha mãe não queria, às vezes. Mas só que a gente... As maiores, como era eu e minha irmã e a outra que vêm depois de mim. Eu tinha doze, dez a menor e a maior quatorze, a gente achava na obrigação de ajudar a minha mãe, e como a gente não ficava fazendo nada em casa, só fazia no período da Escola, a gente achava melhor ir (SILVA, 2002, Entrevista).

Apesar de serem tão novas, o comportamento de Cleide e de suas irmãs revelaram um alto grau de conscientização da ajuda delas na manutenção familiar, pois com o pai desempregado, o sustento da casa deveria ser mantido, e não achavam justo que a mãe fizesse sozinha o trabalho. O pai de Cleide dava sua contribuição através da pesca e ajudava mãe e filhas, cavando e transportando os mariscos. São memórias de momentos compartilhados com atos de solidariedade que revelam a compreensão e o significado da importância da ajuda mútua.

Lembrando o testemunho de Dona Francisca (SANTOS, 2002, Entrevista) o costeiro está sempre cheio de chumbinho para quem precisa e não tem preguiça. Esta reflexão manifestou a leitura que esta senhora fazia do mar, tendo-o como bem comum e fonte de sustentação para aqueles que assim quiserem. Nesse sentido, “a natureza é perfeita na medida em que tudo que a ela pertence tem uma função própria e fundamental para a harmonia do todo” (SILVA, 2000, p. 30). Com muita propriedade outro morador de Salinas, o Senhor Raimundo Nonato reafirmou essa análise: “Deus pisou aqui, botou essa maré aqui, ninguém morre de fome, só muita preguiça! Porém se quiser trabalhar, amanheceu o dia vai pegar seu siri, vai pegar seu chumbinho, seu rala-coco, sua lambreta e aí por diante” (FERREIRA, 2003, Entrevista).

Esse senhor refere-se às terras salinenses como espaços sagrados, como terras que foram pisadas por Deus, o qual cuidou de nunca deixar faltar o pão de cada dia para a população carente. O tom é o mesmo tom que foi usado por Dona Francisca (SANTOS, 2002, Entrevista) ao tentar mostrar como era significativa a riqueza do chumbinho em Salinas:

Esse chumbinho, esse chumbinho nunca falta. O pessoal fica se queixando, mas ele nunca falta, não é uma nem duas pessoas, é várias. Quantas mil pessoas têm aqui em Salinas? Se tira de ponta de dedo que em uma casa não vá duas ou três pessoas e outras vai a casa toda. Então, acha todos os dias e não tem tempo ruim pra eles, pra o chumbinho não tem tempo ruim. Na hora que o costeiro tá ruim, um dia, no outro dia que vai o costeiro tá melhor. (SANTOS, 2002, Entrevista).

Dona Francisca (SANTOS, 2002, Entrevista) com 58 anos de idade, aposentada, contou da grande abundância do marisco e confirmou a importância deste alimento na vida das famílias salinenses e que para consegui-los era preciso coragem para irem à busca daquilo que a natureza com gratuidade extensivamente ofertava. O costeiro, referenciado era o local onde elas coletavam os mariscos. Ela contou, no decorrer da conversa, que no tempo em que mariscava, os mariscos por ela catados eram os siris e ostras; o chumbinho pegava em menor quantidade. Os filhos que a acompanhavam nas jornadas do trabalho, pegavam uma quantidade pequena, pois eram crianças e não tinham a mesma desenvoltura dos adultos, mas mesmo assim já ajudavam.

Quando foi entrevistada tinha dez anos que havia deixado de mariscar e seis que havia ficado viúva. Deixou a mariscagem por apresentar problemas de saúde, sentia fortes dores na coluna e ficava tonta ao abaixar a cabeça. Mesmo não podendo mariscar, ela continuou extraindo o seu sustento do mar, exercendo a função de ganhadeira, comercializava os mariscos que outras marisqueiras catavam e os levava para vender em Salvador. Batia de porta em porta para vender os mariscos: o chumbinho, a ostra, a lambreta, o siri e o catado de caranguejo.

É interessante observar a relação trabalho-estudo dos filhos de marisqueiras. Saber o nível da preocupação dos pais, se eles se importavam com a frequência dos filhos na escola, já que participavam tão ativamente das longas jornadas das mariscagens. Se os pais estimulavam o interesse nos filhos para que eles aprendessem outra profissão ou se o que predominava era o fato de saberem que “A maré taí!”. O que poderia significar dizer que, qualquer necessidade que eles viessem a ter, as águas salinenses estariam lá, com a riqueza extensiva desse fruto do mar, o chumbinho, que os supriria.

A respeito do cuidado com os filhos na escola e na mariscagem, Dona Francisca (SANTOS, 2002, Entrevista) expõe sua preocupação:

Deixar em casa pra procurar confusão? Pra quando eu chegar ter confusão? Eu levava na minha frente. Eu só deixava quando era de noite. Quando eu saía daqui 4:00 hs. da manhã, que eu chegava cedo, pra ainda acordar eles pra ir pra Escola, na maré de ponta. Mas quando não era maré de ponta era

maré tardeira quem não fosse pra escola, ou quem fosse estudar de manhã, ia pra Escola, quem estudasse de manhã ia pra Escola, quem estudasse de tarde ia comigo (SANTOS, 2002, Entrevista).

Dona Francisca (SANTOS, 2002, Entrevista) não tinha com quem deixar os filhos e por este motivo eles a acompanhavam durante as mariscagens. A maré de ponta é quando as águas vazam pouco, e isto ocorre pela manhã, bem cedo. Vazando pouco só ficam um pouco das areias descobertas propícias ao trabalho. A tardeira é quando elas vazam normalmente e mais tarde. Esta não atrapalhava o sono dos filhos e sempre de acordo com o horário da escola, eles iam com ela para a maré. Neste depoimento é notável o cuidado da mãe com os estudos dos filhos em sintonia com o mundo do trabalho. Aliás, como em outros tempos e outros lugares, “A criança faz seu aprendizado das tarefas caseiras primeiro junto à mãe ou avó, mais tarde (frequentemente) na condição de empregado doméstico ou agrícola” (THOMPSON, 1998, p. 17-18).

A preocupação primeira era o estudo e, para que não ficassem em casa sozinhos, acompanhar as mães nas jornadas da mariscagem tinha também o significado de lazer para essas crianças. Nos locais do trabalho, encontravam-se com outras crianças filhos de outras marisqueiras que juntos, além de catarem os mariscos, brincavam nas areias e nas águas onde se divertiam.

Sobre esse assunto, são denunciadoras as memórias de Rose (CAETANO, 2003, Entrevista):

Mainha tinha essa preocupação, ela tinha essa preocupação. A gente mariscava na fase do inverno mesmo por necessidade, porque não tinha outra coisa pra fazer. Os meus irmãos todos acompanhavam a carreira de painho, de pedreiro, então na fase de inverno não tinha como conseguir trabalho porque o morador de Salinas ele mesmo dava um jeitinho de levantar suas paredes. Então, a gente tinha que esperar o pessoal vir de fora pra poder contratar os serviços de painho. Então, o que é que acontecia? Mainha tinha uma preocupação muito grande que nós só íamos pra maré, se pudesse está em casa no horário de ir pra escola. Entendeu? Nunca aconteceu a gente perder aula porque tinha que está na maré. Nunca aconteceu (CAETANO, 2003, Entrevista).

Em momentos gritantes de ausência de recursos, quando os maridos não conseguiam arcar com as despesas da família, elas se empenharam para darem continuidade à vida e conseguir com zelo obter os mantimentos dos quais se favorecia toda a família. Contudo, nas lembranças de Rose acentua a preocupação da mãe com relação aos estudos dos filhos, e conseqüentemente, com o futuro deles: aprender a fazer crochê, frequentar as aulas de

catecismo e participar dos atos da Igreja Católica. Quanto aos planos para o futuro, Rose (CAETANO, 2003, Entrevista) diz que sempre pensou junto com os irmãos nunca ter que deixar Salinas, e sim viver do que a cidade lhes patrocinasse, pensava em crescer dentro de Salinas passando para outras pessoas o que aprendessem. Esses são valores defendidos por Rose e que sintetizam o pensamento comum de muitas marisqueiras. Valores que constituem o viver dessas mulheres e seus filhos e que não são “pensados”, nem “chamados” por quem quer que seja.

Os valores são produzidos e reproduzidos na prática social, emergindo nas individualidades como conteúdo de sua historicidade. Na vida de muitas marisqueiras e nos seus depoimentos, o valor básico da vida traz sempre à tona a conquista do alimento e o esforço para aprender sempre algo novo, de modo a ampliar os horizontes para além da cata de crustáceos nas praias.

A posição de muitas mulheres marisqueiras salinenses que conquistam seu espaço é manifestar o melhor de suas habilidades, não com o fim de sublevar-se ao homem, e sim pelo fato de ter a satisfação de poder contribuir financeiramente na renda familiar, ser um sustentáculo na tradição de seu povo e participante ativo na marcha da história.

Dona Amor (RAMOS, 2007, Entrevista), apesar de ser casada, ela demonstrou não ter tido do marido nenhuma ajuda para a criação dos filhos. O dinheiro que ele obtinha era usado para pagamento das bebidas que consumia. Da sua vivência ela (RAMOS, 2007, Entrevista) trouxe outro exemplo forte:

Eu tive uma menina, essa aí que tem essa filhinha aí. Eu tive ela dentro, quase dentro da maré. Porque eu fui mariscar numa barriga grande [risos] quando eu cheguei lá na maré não tava sentindo nada, marisquei a minha vontade. Quando vir, na hora de vir embora, todo mundo veio embora eu fiquei lá sozinha pra trazer uma canoa que vinha com marisco. Canoa foi essa que a maré veio enchendo e eu fiquei arrastando a canoa até cá no local de ficar, da botar a canoa no lugar. Olho pra um lado, olho pro outro, vinha um rapaz longe em outra canoa. Aí eu esperei ele chegar. Esperei ele chegar para botar, infincar a canoa que infica numa vara para poder a canoa ficar presa e não sair dali com a maré enchendo. Minha senhora, daqui a pouco bateu uma dor eu com uma barrigona cheguei, assim sentei. Sentei. Mas... Quando sentir a dor eu fiquei parada, mas... sozinha ali. Eu disse poxa eu já tô com dor de ter menino! Aí tava com aquela dor e com fome. Quando a dor dava, eu parava, quando a dor parava eu corria. Quando a dor dava eu corria, corria um tanto bom. Quando chegava uma certa quantidade do caminho a dor dava de novo, sentava. Chegava ali ficava até ela passar. Minha senhora que quando eu vinha correndo que dava pa correr mesmo eu chegava aqui azuando. Quando fui chegando ali na porta eu já fui logo gritando bota água no fogo, que eu não ia tomar banho frio. Bote água no fogo e bote a minha comida no prato. Comi. Quando acabei de comer tomei um banho e mandei

as meninas arrumar a sacola pra ir pra maternidade (RAMOS, 2007, Entrevista).

A narrativa reafirma as dificuldades vividas pelas marisqueiras, inclusive nas últimas horas antes de dar à luz a uma nova vida. Dona Amor (RAMOS, 2007, Entrevista) carregava em seu ventre o peso da barriga, as dores do parto e a angústia de estar sozinha naquela situação. Mesmo desamparada foi capaz de reunir forças para conseguir sair da maré e ir ganhar o seu bebê, que também já lutava para ganhar o mundo. Mesmo com toda aflição que passava em uma situação como essa, era um alento muito bom poder contar com a gratuidade da natureza que ofertava diariamente os alimentos para ela e para a sua família.

Assim, ocorre também com Floraci (SOUZA, 2007, Entrevista). Em suas palavras, surgem explicações de como conseguiu burlar os costumes do mundo da pescaria onde o mar é de primazia masculina e foi para esse espaço em busca de suprimentos.

Eu pescu siri, pescu peixe, camarão e marisco. Marisco também ostra. É! Tudo do mar eu faço. [...] Agora o que eu mais gosto mesmo de fazer, é pescar o siri de gaiola. Pescu peixe que eu tenho rede, aí a gente pesca, tenho tarrafa, tenho tudo (SOUZA, 2007, Entrevista).

A forma como Floraci (SOUZA, 2007, Entrevista) buscou o seu sustento e o sustento dos seus, se diferencia um pouco do habitual das demais mulheres da camada popular salinense. Ela pesca desde os nove anos de idade, com o tempo preferiu desenvolver essa atividade sozinha. Com muita dificuldade conseguiu concluir os estudos até o ensino médio. Ingressou na faculdade, porém por dificuldades financeiras não conseguiu concluir o curso de pedagogia. Solteira, mãe de dois filhos teve que abandonar os estudos para poder dar sustento a casa. Floraci (SOUZA, 2007, Entrevista) com orgulho de se própria falou que além da mariscagem com o chumbinho pratica também outras pescarias. Vai ao manguezal e para o mar e de lá traz o que é possível trazer. Consciente de sua perspicácia com o manejo dos apetrechos que envolvem o mundo da pescaria, não se intimida em enveredar-se por caminhos que são prioritariamente habitados pelos homens. De posse de sua canoa e da gaiola ela rema nas águas salinenses para fazer o que disse mais gostar, que é a pesca do siri. A gaiola a qual ela fez referência é uma espécie de armadilha de cipó que são lançadas na maré a certa distância da margem para capturar o siri.

Floraci (SOUZA, 2007, Entrevista) confessou ter ido algumas vezes à Prefeitura Municipal em busca de emprego. O seu interesse era conseguir um trabalho que lhe fornecesse alguns direitos trabalhistas como um salário fixo, férias, décimo terceiro e outras

vantagens. Com o semblante calmo no momento em que conversava, relatou que suas investidas para conseguir um trabalho que lhe trouxesse tais direitos não deram certo. Bastante a vontade disse que a funcionária da prefeitura que sempre a recebia, costumava lhe perguntar se realmente iria valer a pena para ela trocar a liberdade que tinha no ambiente da pescaria, por um ambiente fechado sujeita as intrigas de colegas, tendo que respeitar os horários impostos e a outras situações que ela não estava acostumada.

Floraci (SOUZA, 2007, Entrevista) disse que meditava sobre essas palavras e só conseguia ver a maré a esperar por ela e por seus colegas pescadores, com os quais mantinha um relacionamento harmonioso. Naturalmente ela obedecia aos horários das marés, a força e o capricho da natureza quando se manifestava através dos ventos, chuvas, tempestades e quando a fazia voltar para casa sem o fruto da pescaria. Diante da realidade que vivia e das desventuras que um trabalho ao modelo capitalista poderia trazer para ela, Floraci (SOUZA, 2007, Entrevista) se convencia a continuar no trabalho de pescar siri. As palavras dela denotam possibilidades do que pode ser para essas pessoas a vantagem de não ter um trabalho no modelo que o mercado impõe.

A vida de Floraci, Cleide, Rosangela, Francisca, Dona Amor é como a de muitas mulheres de Salinas da Margarida, que desamparadas por seus ex-companheiros, viúvas ou mesmo morando com seus maridos e os seus pais, não mediram dificuldades na luta pela sua sobrevivência e de seus entes queridos. Um recorte da história de vida dessas mulheres que anuncia reflexões sobre o lugar da oralidade ao propiciar aos agentes históricos tornarem suas estratégias de sobrevivência conhecidas mediante suas próprias palavras.

Entrevistas

RAMOS, Heloisa Marcelina. Dona Amor, residente em Porto da Telha, 70 anos, marisqueira. Salinas da Margarida, 25 set. 2007. Entrevista concedida a Rosana Costa Gomes.

SANTOS, Francisca de Jesus Santos. D. Elza, residente em Porto da Telha, 58 anos de idade, ex-marisqueira. Salinas da Margarida, 31 maio 2002. Entrevista concedida a Rosana Costa Gomes.

SILVA, Cleide França. Residente em Porto da Telha 22 anos de idade, marisqueira. Salinas da Margarida, 01 maio 2002. Entrevista concedida a Rosana Costa Gomes.

SOUZA, Floraci Pereira de. Residente em Salinas da Margarida, 28 anos de idade, marisqueira. Salinas da Margarida, 09 jun. 2007. Entrevista concedida a Rosana Costa Gomes.

FERREIRA, Raimundo Nonato. Ex-funcionário da Companhia Salinas da Margarida, residente em Salinas da Margarida, 84 anos de idade. Salinas da Margarida, 07 jun. 2003. Entrevista concedida a Rosana Costa Gomes.

SILVA, Reinalda Áurea da. Ex-marisqueira, residente em Salinas da Margarida, 67anos de idade. Salinas da Margarida, 07 jun. 2003. Entrevista concedida a Rosana Costa Gomes.

CAETANO, Rosângela Áurea. Rose, ex-marisqueira, comerciante, residente em Salvador, 34 anos de idade. Salinas da Margarida, 15 fev. 2003. Entrevista concedida a Rosana Costa Gomes.

Referências

MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do Mar*. São Paulo: Ática, 1986. Princípios.

SILVA, Gláucia Oliveira da. Água, vida e pensamento: um estudo de cosmovisão entre trabalhadores da pesca. In: DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). *A imagem das águas*. São Paulo: HUCITEC, 2000.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum; estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.